

MÉDICO ERÓTICO

L P Baçan





A Deusa do Pantanal

L P Baçan

Copyright © 2013 L P Baçan

Reprodução e divulgação proibidas sem autorização.

Edição para divulgação exclusiva pelo site

<http://portugues.free-ebooks.net/>

2013

Médico Erótico

[Prólogo](#)

[1a. Parte – O Profissional](#)

[2a. Parte – O Estudante](#)

[3a. Parte – O Recordista](#)

[Epílogo](#)

PRÓLOGO

Brent, Brent Jameson, doutor Brent Jameson. Não sei por onde anda nem exatamente quem é ou quem foi. Não o conheço nem tenho nada a ver com ele. Sou um escritor e apenas tive a sorte de comprar alguns discos rígidos usados de uma empresa de sucata eletrônica. Precisava de alguns deles para fazer *backup* de arquivos e para usar como *slaves* em meus computadores, já que coleciono notícias, artigos, dados e tudo que possa, um dia, vir a ser útil em meus trabalhos.

Normalmente, antes de formatar um disco rígido, tenho a curiosidade de verificar se há algum arquivo nele e, caso haja, se esse conteúdo é interessante e possa ser aproveitado de alguma forma. Tenho um programa espetacular, que recupera mesmo arquivos supostamente apagados. Foi assim que tomei conhecimento de um verdadeiro mito dos tempos atuais.

As aventuras sexuais desse médico erótico podem ser autênticas ou apenas a imaginação fértil de um frustrado sexual. De qualquer forma, parecem consistentes. Há uma ordem cronológica, mas nem todos os arquivos foram salvos, de forma que tentei dar aos que restaram certa ordem literária que permitisse uma visão, mesmo que incompleta, dessas aventuras. É o que tenho a oferecer agora.

1ª. PARTE – O PROFISSIONAL

CAPÍTULO 1

Meu trabalho não é nada monótono e muito divertido, prazeroso e lucrativo. Demorei a adquirir a fama e o prestígio que tenho. Minha agenda vive lotada, mas posso me dar ao luxo de só começar a atender a partir das duas horas da tarde. E nunca vou além das seis.

Acha isso um insignificante expediente de trabalho? Quatro horas é pouco? É que ainda não compreenderam a natureza do meu trabalho. Fazer um expediente duplo, para mim, seria ir além de minhas forças. É um trabalho desgastante ao extremo, mas prazeroso.

Com o preço que cobro, nem preciso trabalhar dobrado. Cobro o triplo – às vezes mais – do que cobram meus colegas. Minhas clientes pagam com satisfação e nunca tive uma reclamação. Meus concorrentes me criticam porque cobram barato, não satisfazem as clientes resolvendo seus problemas, por isso não têm a agenda cheia como eu. Sou caro porque sou bom. Valorizo meu trabalho e resolvo os problemas de quem me procura. Todo tipo de problema ligado à minha área.

Recentemente uma mulher me procurou. Seu marido queria praticar sexo anal com ela, mas ela, sempre que tentavam, sentia muita dor. Incompetência dele, sorte minha. Ele achou que fosse algum problema com ela, por isso mandou-a aqui.

Fiz a consulta de praxe.

— Pois é assim, doutor. Ele teima que não deve doer, mas eu insisto que dói. E dói mesmo. É até gostoso quando ele fica esfregando o pau duro em mim, mas na hora que tenta enfiar, eu sinto dor!

Ela era uma mulher muito aberta. Falava descontraidamente sobre o assunto, sem nenhum constrangimento.

Quem a visse entenderia porque o marido queria comer o rabo dela. Era uma linda mulher, com um corpo escultural. Os seios na medida dos quadris separados por uma cintura afunilada. Nádegas redondas e bem firmes, ligeiramente empinados. Bundinha de moça, embora ela beirasse os trinta anos.

Enquanto ela falava, eu a estudava, imaginando a estratégia para resolver o problema dela. Um cuzinho apertado não é um problema. Basta um pouquinho de criatividade, de tesão e lubrificação, nada mais. Indaguei a respeito disso.

— Já tentou lubrificar ou algo assim? — perguntei.

— De todo jeito, doutor. O problema não é de lubrificação, mas de dor.

— Sim! — murmurei pensativo. — Importa-se em se levantar e caminhar um pouco pelo consultório? — pedi-lhe.

Ela obedeceu. Levantou-se e andou de um lado para o outro. Tinha mesmo uma bela bunda, além de outros encantos. Enquanto ela andava, eu observava e pensava. Dor se resolve com anestésico. Um anestésico local, que permitisse a penetração, mas não tirasse o prazer era o problema. O anestésico aplicado ali chegaria ao pau do marido e, em consequência, os dois ficariam anestesiados, esfregando-se até o cacete dele e as pregas dela se esfolarem todos. Não iria funcionar. Uma camisinha apropriada poderia resolver, mas duvido que ele gostasse da ideia.

Como solucionar isso? Usar meu método da distensão gradativa, uma terapia muito criativa que sempre dava bons resultados. Ela surgiu de um caso de hímen resistente, estendendo-se, depois, ao orifício adjacente.

Na realidade, a ideia me veio da observação dos índios sul-americanos, que introduzem no lábio inferior aros de madeira cada vez mais largos, até formar uma extensão parecida com um bico de pato.

— Está bem, Vivianne! — disse a minha paciente. — Há algumas técnicas que se pode usar, mas terá que confiar em mim e entregar-se em minhas mãos.

— Confio totalmente em você, doutor — afirmou ela, com um olhar entre submisso e travesso, mas escondendo ainda um toque de medo.

— Presumo que saiba que minhas terapias não são nada ortodoxas, não?

— Sim, tomei informações antes.

— Está pronta para uma sessão de terapia prática hoje mesmo.

— Na realidade, não vejo a hora de começar.

— Ótimo, querida! Vejo que é uma mulher de objetivos definidos e vontade. Dispa-se, então. Faça isso com bastante sensualidade. Vamos transformar a terapia numa brincadeira gostosa e curativa.

Ela adorou a ideia. Olhou ao redor, procurando algo.

— O que foi? — indaguei.

— Não tem uma musiquinha?

— Você não sabe cantar?

— Sim, claro. Pode escurecer um pouco o ambiente? É só para dar clima — pediu ela.

Concordei. Fechei as cortinas. Deixei apenas o abajur do canto. Ela começou a cantarolar uma música lenta, que eu desconhecia, mas muito apropriada.

Acompanhei com interesse, retribuindo cada peça que ela tirava com uma das minhas, de modo que, quando ela terminou, estávamos ambos nus. Ela olhou meu caralho, parou de cantar e ficou séria.

— Ah, não vai dar não, doutor! — disse, com convicção e certo receio.

— E por que não? — indaguei, alisando meu belo cacete, numa punheta leve, apenas para manter o tesão em alta.

— O cacete do meu marido é menor e mais fino que o seu e não entra de jeito nenhum. O seu, nem pensar!

— Tolinha! É tudo uma questão de jeito, você verá. Disse que confiava em mim, não foi?

— Sim, mas estou vendo e digo que não conseguirá.

— Confie em meus critérios de avaliação e em minha experiência, querida. Vai se desapontar.

— Olhe lá, doutor.

— Se doer eu não ponho.

— Se doer, você tira?

— Lógico!

— Então está bem. O que eu faço agora?

— Por que não vem aqui e senta no meu colo?

— Assim, a seco?

— Bobinha! Vamos apenas brincar um pouco. Venha cá, vou lhe ensinar algumas técnicas adequadas.

Ela sorriu e veio até mim. Afastei um pouco a minha poltrona da escrivaninha. Ela se sentou em meu colo. Acomodei-me de forma que meu caralho entrasse por entre as coxas dela. Umas esfregadinhas depois e ela já estava toda molhada.

Abracei-a, com as mãos alcançando seus seios. Comecei a boliná-la, alisando suas tetinhas durinhas, beliscando os biquinhos. Ela relaxou. Beije seu pescoço e sua nuca. Fui brincando assim, vendo-a se arrepiar. Ela reagia muito bem e, apesar de certo constrangimento e desconforto iniciais perceptíveis. Ela foi relaxando com minhas carícias.

O caralho continuava lá, inofensivo, só se esfregando na xana dela. Quando mais esfregava, mais ela se excitava e se molhava. Às vezes ela fechava as coxas e apertava meu pau com bastante força e ficava assim, tremendo e suspirando e não havia dúvida de que gozava demoradamente.

Continuei só ali, alisando e beijando, enchendo-a de arrepios e de tesão. Ela rebolava no meu colo. Vesti uma camisinha e então, muito devagarzinho, pus meu pau na xana dela e fui empurrando, até que ele estivesse todinho dentro dela.

— Não estou entendendo seu tratamento, doutor — ela me disse, quase sem fôlego, mas gostando da brincadeira.

— Fique quietinha, querida. Deixe-o aí. Contraía os músculos da vagina e do ânus ao mesmo tempo. Faça de conta que sua xana vai morder meu pau. Ao fazer isso, quero que contraía o esfíncter!

— Contrair o esfíncter, doutor? — indagou ela.

— Sim, contraia os músculos da xoxota e os músculos do ânus ao mesmo tempo. Depois, quando relaxar os músculos da vagina, force o ânus como se fosse evacuar!

Ela hesitou e eu continuei alisando-a, esfregando meu pau dentro dela.

— Está bem, vou tentar.

Ela começou então a contrair os músculos como eu pedira, apertando e soltando.

— Deixe-me ver se está fazendo corretamente — disse-lhe, enfiando a mão por baixo dela.

Pus meu dedo no cuzinho dela. Vi que ele o contraía compassadamente. Fiz uma suave pressão que pareceu incomodá-la. Estendi minha mão e apanhei um potinho de um creme apropriado.

Enfiei meu dedo no potinho, depois lambuzei a bundinha dela, passando-o sobre o cu apertadinho numa carícia suave e delicada.

— Sim, continue, querida — pedi, com o dedo apoiado no buraquinho dela, que continuava se contraindo.

A cada contração, auxiliado pelo creme, o dedo deslizava um pouquinho mais para dentro dela, sem que ela percebesse. E eu incentivava:

— Assim! Você não está se esforçando! Mais um pouco! Repita. Está gostoso aí na bucinha?

— Está ótimo!

— Algum desconforto no rabinho?

— Não, está ficando divertido.

Nesta balada, quando ela deu por si, meu dedo já havia penetrado o buraquinho dela. Não disse nada. Retirei-o e mergulhei dois dedos no potinho de creme.

— Agora vamos melhorar ainda mais o exercício. Vou exigir mais esforço de você. Quero que force de verdade contraindo e relaxando seu ânus.

Ela se entregou ao exercício com gosto. Contraía e soltava. Eu empurrava. Pouco a pouco os dois dedos foram entrando, sem trauma algum. A xoxotinha se contraía também. Percebi que ela continuava gozando e isso era muito bom, pois a punha em um estado adequado de relaxamento.

— Ah, doutor! Está bom demais este pinto na minha buceta. Por que não continuamos assim? Estou com um fogo na xana que não aguento. Vamos foder com força, vamos? Vamos deixar essa estória de cu para outro dia!

Sou um profissional. Se pagam por um serviço, terão aquele serviço. Além do mais, faltava pouco, muito pouco mesmo, já que eu havia lambuzado três dedos no creme e começava a pressionar o buraquinho dela. Um dedo por vez, mas unindo-os depois.

— Continue, estamos perto agora. Contraía mais. Vamos! Mais força!
Mais um pouquinho só!

— Ah, doutor! Que fogo! Que coisa esquisita!

— Boa?

— Deliciosa! Está me queimando por dentro! O que está acontecendo?

— O que você julgava impossível, querida!

— O quê?

— Pus três dedos no seu cu.

— Não acredito!

— Vai ter que acreditar porque é verdade. Continue contraindo. Deixe-me ajeitar melhor minhas pernas. Levante a bunda um pouquinho.

Ela atendeu. Eu apontei meu caralho. Quando ela se sentou, o cacete entrou no lugar dos dedos.

— Oh, doutor, isso aí não são seus dedos! Cadê o caralho?

— Todinho no seu buraco.

— Não pode ser, que gostoso. Ah, que delícia. Queima, esquentada, mas é tão bom!

— Assim que é bom. Quer mexer só para sentir?

— Ah, quero sim! — respondeu ela, apoiando as mãos nos braços da poltrona.

Comecei a massagear seu grelinho e a enfiar meus dedos na sua xana. Ela rebojava e gemia como uma doida, com o cu engolindo meu cacete gostosamente.

— Ah, doutor! Ah, seu safado comedor! Pintudo gostoso! — ela dizia e rebojava com afinco. — Vou gozar! Vou gozar! Estou gozando! Estou gozando pelo cu! — gemeu ela, toda mole, soltando o corpo em meu pau.

Ficou gemendo, enquanto eu também gozava, sentindo os jatos de esperma inundar a camisinha. Estava resolvido o problema. Bastava orientar o marido para que fosse paciente no início e em breve poderia brincar à vontade quando quisessem. Após uma série de recomendações, ela se despediu agradecida e, à porta, informou com um ar maroto e esperançoso.

— Tenho também certa dificuldade para engolir, quando fazemos sexo oral. Tem alguma técnica para isso também?

Eu apenas sorri, enquanto balançava a cabeça afirmativamente.

CAPÍTULO 2

Outra paciente reclamava de dor quando fazia amor com seu marido. Dizia que doía mesmo. Fiz o exame, fiz o tratamento e, quando terminamos, ela ficou ali no divã, alisando meu pau, beijando-o e esfregando-o no rosto com verdadeira adoração.

— Isto aqui sim, é um caralho de verdade — ela comentou e eu fiquei todo orgulhoso.

Depois pensei: se meu caralho grosso e comprido não provocava dor, o que estava havendo com ela? Foi o que perguntei.

— Seu caralho é gostoso, doutor. O do meu marido é um negócio de louco. É anormal. Um verdadeiro taco de beisebol, doutor. Dá dois do seu, tão pequenino, tão adorável!

Fiquei deprimido naquele dia. Fiquei mesmo. Ela chamou a minha pica de pequena. Talvez, comparada à do marido, fosse. Mas não é, é uma bela pica, de bom tamanho e bom calibre.

Mas resolvi o problema dela. Recomendei que se divorciasse do marido. Deu certo. Ela se saiu muito bem do divórcio e casou-se há algum tempo com um marido de pau pequeno. Às vezes ela aparece aqui para matar saudade e me agradecer.

É assim que eu trabalho. Satisfação garantida mesmo, não importa se o caso é difícil ou não.

Tive um caso, certa vez, de uma mulher chamada Greta, com um problema delicado, pois cedera à sedução de uma vizinha e acabara nos braços dela. Contou-me em detalhes tudo sobre suas relações e como era delicioso para ela aquele tipo de prazer. A questão toda era que ela também gostava de pica e reconhecia isso. Lembrava-se do prazer que sentia com um caralho dentro de sua xana. Queria uma pica e queria a vizinha também. Não tinha jeito. A vizinha era mulher, por mais que quisesse ser macho para agradá-la.

Ao me procurar, ela teceu confidências a respeito.

— Não sei, doutor, acho que me habituei à sutileza do amor feminino. Os modos masculinos são muito bruscos! Me assustam!

Eu me vi, então, às voltas com um grande problema. Posso ser gentil, sutil, manhoso, ardiloso, mas jamais, jamais mesmo, chegaria a me igualar em tal assunto com uma mulher entendida. Elas sabem das coisas entre elas. E esse departamento não é minha especialidade. Trato mulheres com problemas sexuais normais, mas todo problema sempre foi um desafio para mim, mesmo em searas que eu desconhecia. A questão era que ela viera até mim, pagara a consulta e queria se tratar. Fiquei refletindo, enquanto ela se vestia após o exame.

Tentei resumir o problema. A mulher queria uma pica de verdade numa foda entre mulheres. Não dá para juntar isso. Então, minha mente

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

